CLASSES HOSPITALARES E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

Adriana da Silva Ramos de Oliveira¹

Resumo: O artigo tem como tema o educador no contexto das classes hospitalares do Estado do Mato Grosso do Sul (MS), especificamente no município de Campo Grande. O estudo corresponde a uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento. O objetivo é descrever o papel do educador no ambiente hospitalar; reconhecer o trabalho docente e suas diferentes dimensões; refletir sobre a formação inicial/continuada para atuação particularmente neste espaço não escolar. A pesquisa teve como referenciais teóricos, no primeiro momento para falar sobre o papel do educador no ambiente hospitalar, as contribuições de Santos (2013); Brasil (2001, 2002); Mazzotta (1996); Assis (2009); Candau (2014); Giroux (1997); Nogueira (2012); Fischman; Diaz (2013). Já no segundo e no terceiro momento para escrever sobre o trabalho docente nas classes hospitalares e a formação continuada de professores Hypolito (2015); Alevato (2015); Gentilini; Scarlatto (2015). A metodologia utilizada para a construção do trabalho foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Obtivemos como resultados que poucas são as referências bibliográficas publicadas sobre a temática. A história oral (relatada pelos primeiros professores) é rica e evidencia a importância desses trabalhos que já são desenvolvidos há quase vinte e três anos, em cinco hospitais diferentes. Conclui-se que a formação continuada desses educadores também deve ser prioridade para os governantes.

Palavras-chave: Classes hospitalares. Formação de professores. Trabalho docente.

HOSPITAL CLASSES AND CONTINUED TEACHER EDUCATION

Abstract: The article talks about the educator in the context of the hospital classes in the state of Mato Grosso do Sul (MS), specifically in Campo Grande municipality. The study corresponds to an ongoing PhD research. This paper aim is to describe the role of the educator in the hospital environment; recognize this teaching work and its different dimensions; reflect on the initial / continuing teacher education for this specific performance in this non-school space. The research had as theoretical references, in the first moment to talk about the role of the educator in the hospital environment the contributions of Santos (2013); Brasil (2001, 2002); Mazzotta (1996); Assis (2009); Candau (2014); Giroux (1997); Nogueira (2012); Fischman; Diaz (2013). In the second and third moments, to write about the teaching work in the hospital classes and the continued formation of teachers Hypolito (2015); Alevato (2015); Gentilini; Scarlatto (2015). The methodology used for the construction of the work was the bibliographical research and the field research. We ended, as results, that few are the bibliographical references published about

1 Professora Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado – PPGE - Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

the subject. The oral history (reported by the first teachers) is rich and evidence the importance of these works that are already developed almost twenty-three years in five different hospitals. It is concluded that the continuing education of these educators should also be a priority for the rulers.

Keywords: hospital classes. Teacher education. Teaching work.

1 INTRODUÇÃO

O tema Pedagogia Hospitalar é amplamente discutido nos dias atuais, a partir de uma compreensão mundial das necessidades de se garantir os direitos à educação a todas as crianças e adolescentes hospitalizados. Apesar disso, poucas pessoas têm conhecimento e até mesmo professores que não estão inseridos neste contexto desconhecem esta modalidade.

No decorrer da pesquisa, em constante diálogo com os autores, com o campo de estudo surgem mais interrogações que vão ao encontro do problema de pesquisa da tese em desenvolvimento e guiaram a construção do presente artigo. O aprofundamento esteve assentado nas perguntas: historicamente qual é o papel do educador no ambiente hospitalar? Como é o trabalho docente nas classes hospitalares, em suas diferentes dimensões? Que formação inicial/continuada os professores dispõem para a atuação específica neste espaço não escolar?

Sendo assim, justifica-se que o artigo foi elaborado com a finalidade de conhecer a função social das classes hospitalares, compreender o que é ser professor neste espaço, como é o exercício da docência e a formação de tais profissionais.

O objetivo foi descrever o papel do educador no ambiente hospitalar – especificamente reconhecer este trabalho docente e suas diferentes dimensões; refletir sobre a formação inicial/continuada para atuação particularmente neste espaço não escolar.

No primeiro momento, o olhar é direcionado para a historicidade do tema em questão, apresentando a legislação e os documentos oficiais. No segundo momento, o foco é o trabalho docente a partir das particularidades das atividades desenvolvidas pelos docentes, considerando o entrelaçamento saúde e educação. Por fim, as considerações sobre a formação inicial/continuada dos professores que trabalham em classes hospitalares.

2 O PAPEL DO EDUCADOR NO AMBIENTE HOSPITALAR

A partir da perspectiva de que todas as crianças e adolescentes são sujeitos de direitos, que o direito à educação e à saúde são princípios constitucionais independente das condições de desenvolvimento bio-psico-social-cultural e espiritual desses sujeitos, há muito tempo profissionais de dois campos (saúde e educação) dialogam, compartilham responsabilidades coletivas para a construção de um conjunto de

circunstâncias positivas e satisfatórias para que esses alunos/pacientes cresçam e se desenvolvam plenamente, mesmo nos momentos de hospitalização. É fato que “[...] atualmente, vivemos em sociedades cada vez mais urbanas e menos rurais, altamente escolarizadas e dotadas de redes de conhecimento, de instituições científicas e de estruturas culturais como nunca existiram no passado” (SANTOS, 2013, p. 234).

No Brasil e no mundo diariamente inúmeros professores (as), cercados de grande rede de apoio social² e científico, desenvolvem trabalhos de muita relevância, seja dentro dos hospitais, das enfermarias, dos leitos, ou até mesmo nos locais de isolamentos quando as condições clínicas do aluno/paciente exigem. Ter uma doença, adoecer, estar doente, ficar doente são condições que podem estar/se fazer presente na vida de qualquer ser humano. Com isso, o Sistema Único de Saúde (SUS) busca cada vez mais consolidar uma Política Nacional de Humanização para os seus usuários e também para crianças e adolescentes (BRASIL, 2001).

Nos hospitais, procura-se oferecer uma equipe para atendimento integral de todas as necessidades dessas crianças e adolescentes, inclusive a necessidade de escolarização durante o período de internação. Somos todos corresponsáveis nesse período de adoecimento e temos cada vez mais legislações que amparam esses trabalhos interdisciplinares, tanto no campo da educação como no campo da saúde. Tem-se o apoio do Ministério da Educação (MEC) e Ministério da Saúde (MS), que constantemente pensam ações conjuntas para mecanismo de fortalecimento e implantação de políticas públicas para brinquedotecas e classes hospitalares. Todos estão buscando sempre melhores práticas “[...] cada um está envolvido no bem-estar de todas as crianças antes, durante ou após uma permanência no hospital” (CADA, 2017).

Foi assim, compartilhando responsabilidades, que no ano de 2002 houve o lançamento do documento Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações, e no ano de 2005 a promulgação da Lei nº 11.104 que dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Ambos marcos históricos, apesar de já haverem registros de funcionamento de brinquedotecas e classes hospitalares anteriores a 2002 em alguns estados do país e ainda legislações que mencionam atividades pedagógicas educacionais em hospitais, no entanto, não de forma tão específica como apresentam tais publicações (MAZZOTTA, 1996; ASSIS, 2009).

Nesse momento, tendo como foco as classes hospitalares, é importante salientar que o documento citado acima, pela primeira vez, traz definições inéditas dos princípios, fundamentos, objetivos, organização, define condições para funcionamento

2 Constituem um misto de afetividade, fé e solidariedade, enquanto componentes fundamentais para o alívio do sofrimento e suporte hospitalar e extra-hospitalar. Estão unidos por causas diferentes, mas com um foco em comum. Podemos citar as organizações não governamentais (ONG), casas de apoio, igrejas, grupos organizados, instituições parceiras, fundações de amparos assistenciais, associações nacionais e internacionais (HAYAKAWA, et al. 2010).

administrativo e pedagógico e também os recursos humanos das classes hospitalares no nosso país. Ficou definido como classe hospitalar

o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental. (BRASIL, 2002, p. 13).

Qualquer atividade educacional pedagógica desenvolvida dentro destes espaços deve contar com uma equipe pedagógica e um professor (a) habilitado para tal função. Ser professor (a) de classes hospitalares é um desafio, pois é necessário um trabalho pedagógico diferenciado diante de todas as imprevisibilidades de um quadro clínico de uma criança ou adolescente hospitalizado. Desse modo, seguindo as orientações do MEC

o professor que irá atuar em classe hospitalar [...] deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. (BRASIL, 2002, p. 22).

Estar capacitado, ter formação e remuneração condizente com o exercício da profissão, ter concurso próprio, ter formação específica, ter uma identidade profissional, ser reconhecido, também são elementos que rodeiam os profissionais da educação e também da Pedagogia Hospitalar. Nota-se que

[...] nos últimos anos tem sido intensa entre nós a discussão sobre a construção da identidade profissional dos professores e os componentes do trabalho docente, assim como sobre as questões relativas à formação tanto inicial como continuada dos educadores e educadoras. (CANDAU, 2014, p. 33).

Apesar desta discussão, como menciona a autora, ou da militância que presenciamos, ou do campo em ascensão, pontuo que a literatura evidencia que na realidade são poucas as oportunidades para atuação de professores em hospitais (FONSECA, 1999; ASSIS, 2009; MATOS e FERREIRA, 2013). Alguns Estados como Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, estão à frente dos demais, pois existem grupos específicos de pesquisadores de algumas universidades³ como a UFBA – Alessandra Santana Soares e Barros; PUC/PR – Elizete Lucia Moreira Matos; UERJ – Eneida Simões da Fonseca; UFRGS – Ricardo Burg Ceccim; PUC/SP – Terezinha Calil

3 Nos endereços eletrônicos <http://www.classehospital.hupes.ufba.br/> e <http://www.escolahospitalar.uerj.br/> Escola Hospitalar é possível ter acesso a construção histórica da Classe Hospitalar do Hospital das Clínicas da UFBA e da Escola Hospitalar com dados disponibilizado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Padis Campos, que são pioneiros nesse campo de pesquisa sobre Classe Hospitalar e já produziram muitos estudos sobre a temática, o que pode ser um indicador para políticas mais consolidadas em relação aos outros Estados.

Por isso, a necessidade de reconhecer o trabalho de cada um deles e declarar a “[...] opção por trazer documentos produzidos em diferentes instâncias institucionais ao longo dos últimos anos se justifica pela possibilidade de explicitar como diferentes vozes se entrecruzam e produzem nuances acerca do trabalho do professor”, aqui neste caso, do trabalho do professor no ambiente hospitalar (NOGUEIRA, 2012, p. 1239).

Há que se ressaltar que muitas publicações desses autores demonstram que no Brasil temos uma pequena quantidade de hospitais com alas pediátricas que oferecem o atendimento pedagógico educacional, apesar da legislação indicar que todos os hospitais, independentes das características das unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico em regime de internação, tenham brinquedotecas e classes hospitalares em suas dependências (BRASIL, 2002, 2005). Geralmente as capitais e os grandes centros contam com o serviço quando há parcerias ou convênios firmados entre as secretarias de saúde e educação.

Nesse sentido, concordo com Santos (2013, p. 226) ao afirmar que na nossa legislação “[...] o excesso dos discursos esconde, frequentemente, uma grande pobreza das práticas”. Um exemplo dessa realidade é o Estado de MS, onde temos 79 (setenta e nove) municípios e poucas unidades de classes hospitalares. Ao buscarmos registros históricos entendemos que no

[...] Mato Grosso do Sul, o surgimento da primeira classe hospitalar ocorreu em 1994, no Hospital Universitário da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande. Logo depois, esse atendimento expandiu-se para as demais instituições hospitalares e/ou Casas de Apoio tais como: Santa Casa de Campo Grande (1996); Associação dos Amigos das Crianças com Câncer – AACC (1999); Hospital Regional de Mato Grosso do Sul (HRMS) e no Hospital São Julião (2001), sendo que todas as instituições são localizadas no mesmo município. A partir de 2002, esse serviço foi ampliado para o interior do Estado. (FERREIRA; BOTELHO; CORRÊA, 2009, p. 2.859).

Atualizando os dados a partir de pesquisa de campo, hoje a classe hospitalar do Hospital São Julião já não está mais em funcionamento. Da mesma forma, as instalações da classe hospitalar do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, que passa por uma intervenção do Ministério Público Estadual (MPE)⁴, teve suas atividades, assim como a equipe pedagógica, transferida para o Hospital Regional e Hospital Universitário.

4 Resultado das investigações da Operação Sangue Frio, da Polícia Federal da chamada “Máfia do Câncer”, formada por ex-diretores e funcionários do Hospital de Câncer Alfredo Abrão, em Campo Grande, acusados de desviar dinheiro do tratamento de doentes oncológicos e flagrados, inclusive, negando remédio para pessoas internadas. (FERREIRA, 2016).

Concordo com Giroux (1997, p. 4) ao afirmar que “[...] as escolas não são locais neutros e os professores não podem tampouco assumir a postura de serem neutros”, principalmente diante desse quadro “[...] um professor não pode renunciar à missão que a sociedade lhe confiou” (SANTOS, 2013, p. 227), e o trabalho didático pedagógico dos alunos/pacientes do referido hospital não pode deixar de existir. De certa forma, o fato também está relacionado ao trabalho docente nas classes hospitalares e suas diferentes dimensões, visto

[...] a importância de conceber a formação de professores num contexto de responsabilidade profissional, sugerindo uma atenção constante à necessidade de mudanças nas rotinas de trabalho, pessoais, coletivas ou organizacionais. A inovação é um elemento central do próprio processo de formação. (SANTOS, 2013, p. 230).

A inovação citada pela autora, ou a renovação, são elementos centrais não só do processo de formação dos professores de classes hospitalares em si, mas também do trabalho como um todo. É muito diferente se deparar com ações educacionais reais de ensino e aprendizagem num contexto hospitalar, seja esse contexto uma pediatria normal, como no Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), ou em uma pediatria de queimados, como na Associação Beneficente de Campo Grande – Santa Casa, ou nas pediatrias oncológicas, como no Hospital Regional de Mato Grosso do Sul (HRMS)⁵ e Associação dos Amigos das Crianças com Câncer (AACC). Para falar desse contexto tão especial que é a educação “[...] precisamos de conhecimento técnico... mas também precisamos de poesia e palavras delicadas” (FISCHMAN; DIAZ, 2013, p. 7). Acredito que a reflexão dos autores também pode ser perfeitamente aplicada as classes hospitalares.

Sendo assim, os professores que atuam nas classes hospitalares também necessitam de “[...] políticas de formação e de condições de trabalho que devem ser alvo de fortes investimentos para que o trabalho docente possa ascender a uma condição mais digna de trabalho” (HYPOLITO, 2015, p. 517). Quando nos deparamos com esse ambiente não saímos neutros de forma alguma, esse é um dos temas apresentados no próximo tópico.

5 Centro de Tratamento Onco-Hematológico Infantil (CETOHI). O CETOHI está localizado no Hospital Regional em Campo Grande e fornece a estrutura de atendimento oncológica infantil. Durante os 15 anos de parceria com a AACC, mais de 1.200 crianças já passaram pelos atendimentos. O Hospital Regional de Mato Grosso do Sul é o único hospital no estado a possuir um convênio de tratamento com a AACC (GONÇALVES, 2015).

3 O TRABALHO DOCENTE NAS CLASSES HOSPITALARES E SUAS DIFERENTES DIMENSÕES

Uma das atribuições dos professores que atuam em classes hospitalares é (re) construir cotidianamente ações pedagógicas em função do quadro clínico do aluno/paciente, em função da medicação, da rotina de cuidados, exames e, infelizmente, até mesmo o encerramento com a morte imprevista. Sem dúvida, “[...] como escreve Lee Shulman, para ser professor não basta dominar um determinado conhecimento, é preciso compreendê-lo em todas as suas dimensões” (SANTOS, 2013, p. 229).

Com isso, todas as atividades das classes hospitalares serão desenvolvidas de acordo com a orientação da equipe médica responsável. O professor(a) deve ter ciência que todo atendimento irá ocorrer de forma integrada com o sistema de saúde. Uma internação hospitalar só acontece com indicação médica, para isso, fatores físicos, orgânicos são analisados com cautela.

As condições clínicas que exigem educação em classe hospitalar ou em atendimento pedagógico domiciliar são, principalmente, as dificuldades de locomoção; a imobilização parcial ou total; a imposição de horários para administração de medicamentos; os efeitos colaterais de determinados fármacos; as restrições alimentares; os procedimentos invasivos; o efeito de dores localizadas ou generalizadas e a indisposição geral decorrente de determinado quadro de adoecimento (BRASIL, 2002, p. 18).

Por essas particularidades, crianças e adolescentes necessitam de um atendimento pedagógico humanizado. Concordando com Nigro (2004), quando a autora escreve que a humanização do atendimento ao paciente internado supõe acima de tudo o respeito por essa pessoa que está doente, pelos seus familiares que estão nessa mesma caminhada sempre dividindo momentos de alegria e até mesmo tristeza. Todos os funcionários, médicos, enfermeiros, professores, pacientes, alunos devem reconhecer que cada um dentro desse ambiente tem uma identidade, uma história, um lugar no mundo e que todos precisam e devem ser escutados e atendidos nas suas queixas e necessidades individuais, sejam elas biológicas, psicológicas e até mesmo pedagógicas. Salienta-se, a partir do exposto, que essas são uma das premissas do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar do Ministério da Saúde, onde

[...] humanizar referia-se, portanto, à possibilidade de assumir uma postura ética de respeito ao outro, de acolhimento do desconhecido e de reconhecimento dos limites. [...] O ponto chave do trabalho de humanização está em fortalecer este comportamento ético de articular o cuidado técnico-científico, já construído, conhecido e dominado, com o cuidado que incorpora a necessidade de explorar e acolher o imprevisível, o incontrolável, o diferente e singular. Trata-se de um agir inspirado em uma disposição de acolher e de respeitar o outro como um ser autônomo e digno. É necessário repensar as práticas das instituições de saúde, buscando opções de diferentes formas de atendimento e de trabalho que preservem este posicionamento ético no contato pessoal e no desenvolvimento de competências relacionais (BRASIL, 2001, p. 52).

Por isso, o trabalho docente nos hospitais deve compreender as diferentes dimensões do quadro de adoecimento da criança ou do adolescente e os atendimentos devem sempre ser humanizados tanto pelos profissionais da saúde como da educação. Em decorrência desse trabalho interdisciplinar, a relação com os profissionais da saúde será intensa e “[...] é no processo de formação que se podem enraizar valores e atitudes de respeito à vida humana, indispensáveis à consolidação e à sustentação de uma nova cultura de atendimento à saúde” (BRASIL, 2001, p. 5).

A rotina médica será contínua, mesmo no momento das atividades pedagógicas. Desse modo, as propostas dos planos de aula devem considerar os horários (antes, durante e pós) de procedimentos de cuidados, alimentação, visitas, consultas, reabilitação etc.

O trabalho docente nos hospitais exige dos professores um conhecimento além da formação básica oferecida pelas universidades dada a complexidade, visto que “[...] para ensinar bem não basta dominar um determinado tipo de conhecimento, é fundamental compreendê-lo na sua matriz histórica, científica e social” (SANTOS, 2013, p. 233).

Isso inclui entender a especificidade das rotinas hospitalares, conhecer o trabalho que é desenvolvido por cada um dos profissionais que atendem o aluno/paciente, saber dos limites e das possibilidades pedagógicas de cada caso clínico em atendimento e principalmente não desacreditar das potencialidades de cada criança ou adolescente hospitalizado, até mesmo diante de casos mais complexos e/ou terminais, por isso a necessidade de ter-se uma formação inicial/continuada para que se possa trabalhar nesse ambiente.

4 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES PARA ATUAÇÃO EM CLASSES HOSPITALARES DO MATO GROSSO DO SUL

Ao desenvolver a pesquisa de campo da tese em desenvolvimento, alguns questionamentos se aproximam do exposto “[...] como as condições e as especificidades do trabalho docente são contempladas nos documentos oficiais?” (NOGUEIRA, 2012, p. 1.237). O que temos sobre a formação de professores que atuam em classes hospitalares no Estado? A pesquisa realizada no primeiro semestre do ano de 2016 teve a finalidade de conhecer como eram os processos de formação continuada. No dia 20 de abril do ano de 2016 de posse da carta de apresentação com toda a identificação e finalidade da pesquisa assinada pelo coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) contei com a Secretaria de Estado de Educação/MS (SED/MS) para ter acesso aos documentos institucionais disponíveis.

Os dados apresentados pela SED/MS demonstraram que a formação continuada de professores no Estado de Mato Grosso do Sul, no que diz respeito à especificidade de

atuação no ambiente hospitalar não é suficiente, pois os professores recebem a mesma formação continuada oferecida aos professores que atuam em escolas regulares e que não atende as demandas que são próprias dos hospitais.

Como pontua Hypólito (2015, p. 519), muitas formações específicas para professores precisariam ser desprezadas “[...] pelos formuladores de políticas que somente enxergam o que desejam”. Nos últimos anos, os professores das classes hospitalares não foram “enxergados”. No primeiro semestre do ano de 2016 quando se faz o levantamento bibliográfico, a revisão de literatura, a construção do estado do conhecimento mapeando as produções, as teses e dissertações publicadas nos últimos cinco anos seguindo os preceitos de uma pesquisa científica, pouco se localiza sobre esse tema o que nos faz refletirmos, pois, a formação continuada pode promover modificações importantes na prática pedagógica. A escassez de publicações na área também foi evidenciada em outros Estados nas teses de doutorado de Wiese (2013), Ferreira (2015), Neves (2016).

Nesse sentido, “[...] sabe-se que políticas direcionadas à valorização docente são muito necessárias para que se obtenha uma condição de trabalho docente valorizado” (HYPOLITO, 2015, p. 517). Por razões diversas (organizacionais, políticas, econômicas), desde a criação da primeira classe hospitalar (1994) não houve um concurso para admissão de professores. Dos 17 (dezessete) professores que fazem parte da equipe atual, apenas duas professoras são concursadas de uma escola da rede estadual de educação, que são cedidas para os hospitais. Há quase 23 (vinte e três) anos a equipe trabalha em regime de contratação. Nesse sentido, é necessário oportunizar a esses profissionais visibilidade, melhores condições de trabalho e preparação adequada para o exercício das atividades.

A formação de professores é essencial para consolidar parcerias no interior e no exterior do mundo profissional e para reforçar o trabalho cooperativo dos professores. Mas nada será conseguido se não se alterarem as condições existentes nas escolas e as políticas públicas em relação aos professores (SANTOS, 2013, p. 234).

Hoje, quando se pesquisa sobre a formação destes professores no Estado de MS “[...] temos de reconhecer, humildemente, a dificuldade de traçar caminhos claros nestes tempos de incerteza. No entanto há valores de que não devemos abdicar. O trabalho educativo implica sempre um horizonte ético”, principalmente quando estamos falando das classes hospitalares, o que requer um trabalho muito específico (SANTOS, 2013, p. 226).

Desse modo, todos os professores que fazem parte da equipe precisam ter acesso ao que preconiza a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, para atender às especificidades do exercício de suas atividades. Os gestores devem “[...] promover a atualização teórico-metodológica nos processos de formação

dos profissionais da educação básica, inclusive no que se refere ao uso das tecnologias de comunicação e informação nos processos educativos” (BRASIL, 2016).

Defende-se que ter acesso à formação continuada em serviço é uma necessidade real. Devemos criar uma rede de apoio também para esses educadores, promover parcerias para que eles possam estar capacitados a atuar nesses ambientes tão particulares como os hospitais.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa bibliográfica da tese em desenvolvimento revelou que o educador tem um importante papel no ambiente hospitalar, pois junto com a equipe médica trabalha com dedicação em prol da recuperação de crianças e adolescentes que por diferentes razões ocupam as enfermarias, leitos de isolamento, UTI, CTI dos hospitais do nosso país.

Com a construção do estado do conhecimento foi possível identificar que o trabalho docente nas classes hospitalares possui diferentes dimensões que envolvem a humanização dos atendimentos como um todo.

A pesquisa de campo foi importante para analisar que a formação de professores para atuação em classes hospitalares no Estado necessita de um novo olhar. Existe pouca literatura publicada sobre o contexto histórico, os acessos aos documentos são limitados e a rotatividade de professores é muito alta, dada as condições do contrato de trabalho.

Neste momento, finalize-se pontuando que já temos algumas conquistas a partir do início da pesquisa, que foi a identificação de inúmeras lacunas relacionadas à formação continuada desses professores, mesmo com quase 23 (vinte e três) anos de história. O Estado carece de políticas, formação de professores, consolidação de práticas para essa modalidade, se comparado a outros estados da federação. No intuito de contribuir com a modificação desse cenário, de trazer à tona essa história, valorizar esses professores e também cumprir com o que está exposto na Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, várias ações de extensão universitária estão sendo organizadas e novas parcerias estão sendo feitas em outros municípios. Por fim, acrescento que está longe de esgotada a discussão da temática (formação de professores para atuação em classes hospitalares), mas que diante da apresentação do artigo possamos, de alguma forma promover reflexões sobre as condições de trabalho destes profissionais.

REFERÊNCIAS

ALEVATO, Hilda. Escola básica e suas revoluções necessárias: desafios à formação docente. In: PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS,

Maria José Viana Marinho de. **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 220-240.

ASSIS, Walkíria de. **Classe hospitalar: um olhar pedagógico singular**. São Paulo: Phorte, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. MEC; SEESP, Brasília, 2002.

_____. Decreto nº 8.752, de 9 de maio de 2016. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica. **Diário Oficial da [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8752.htm>. Acesso em: 18 jul. 2017.

_____. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. **Diário Oficial da [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 22 mar. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11104.htm>. Acesso em: 01 jul. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. **Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar**. Brasília, 2001.

_____. Projeto de Lei nº 225/2010 de 24 de maio de 2010. Disciplina o direito da criança, adolescente, jovem e adulto ao atendimento educacional em classes hospitalares e atendimento pedagógico domiciliar. Secretaria de Apoio Legislativo - SGP2. Sistema de Apoio ao processo legislativo. **Câmara Municipal de São Paulo**, São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <http://splegisconsulta.camara.sp.gov.br/ArquivoProcesso/GerarArquivoProcesso?COD_MTRA_LEGL=1&NUM_MTRA_LEGL=225&ANO_MTRA_LEGL=2010&volume=1>. Acesso em: 10 jul. 2017.

CADA. **Associação Europeia de Crianças no Hospital**. European Association for Children in Hospital – EACH. Disponível em: <<https://www.each-for-sick-children.org/>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

CANDAU, Vera Maria F. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, (Porto Alegre, impresso), v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Érica Machado; BOTELHO, Jaqueline A. de Almeida; CORRÊA, Nesdete Mesquita. Um estudo sobre a oferta do atendimento educacional em classes hospitalares em Campo Grande – MS. In: V CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2009, Londrina, PR. ISSN 2175-960X. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10284252-Um-estudo-sobre-a-oferta-do-atendimento-educacional-em-classes-hospitalares-em-campo-grande-ms.html>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

FERREIRA, Jacques de Lima. **Formação Continuada Online para o desenvolvimento Profissional dos Professores que atuam no Atendimento Pedagógico ao Escolar em tratamento de Saúde**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba, 2015.

FERREIRA, Marta. **Midiamax Jornal Diário com Notícias de Campo Grande e Mato Grosso do Sul**. Capa. Transparência. Máfia do Câncer. Denunciados por desvio de dinheiro em hospital viram réus por três crimes. Eles são acusados de estelionato, associação criminosa e peculato. 02/02/2016. 16h5 - Atualizado em 04/02/2016 09h24. Campo Grande, MS. Disponível em: <<http://www.midiamax.com.br/cotidiano/denunciados-desvio-dinheiro-hospital-viram-reus-tres-crimes-288903>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

FISCHMAN, Gustavo E.; DIAZ, Victor H. Educação sem redenção: dez reflexões sobre a importância do legado freiriano. **Revista Educação Online**, n. 14, Rio de Janeiro, p. 1-24, ago./dez. 2013.

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa**, v.25, n.1, São Paulo, jan./jun. 1999.

GENTILINI, João Augusto; SCARLATTO, Elaine Cristina. Inovações no Ensino e na formação continuada de professores: retrocessos, avanços e novas tendências. In: In: PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de. **A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.15-39.

GIROUX, Henry A. Professores como intelectuais transformadores. In: GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 157-164.

GONÇALVES, Jefferson. **CPN - Central Pantaneira de Notícias Pantanal NEWS**. Com 15 anos de parceria, Hospital Regional renova convênio com AACC para atendimentos oncológicos. Aquidauna, 14 de julho de 2015 - 15:23. Disponível em: <<http://www.pantanalnews.com.br/contents.php?CID=103582>>. Acesso em 01 jul. 2017.

HAYAKAWA, Liliane Yukie et al. Rede social de apoio à família de crianças internadas em uma unidade de terapia intensiva pediátrica. *Rev Bras Enferm*, **REBEn**, Brasília, maio-jun; p. 440-445, 2010.

HYPOLITO, Álvaro Luiz M. Trabalho docente e o novo Plano Nacional de Educação: valorização, formação e condições de trabalho. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 35, n. 97, p. 517-534, set.-dez., 2015.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; FERREIRA, Jacques de Lima. **Formação Pedagógica para o atendimento ao escolar em tratamento de saúde: redes de possibilidades online**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MAZZOTTA, Marcos José da Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

NEVES, Isa Beatriz da Cruz. **Classes hospitalares e dispositivos móveis digitais: possíveis (re)significações de práticas educacionais**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB), Salvador, 2016.

NIGRO, Magdalena. **Hospitalização: o impacto na criança, no adolescente e no psicólogo hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Concepções de “trabalho docente”: as condições concretas e os discursos das prescrições oficiais. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 121, p. 1237-1254, out.-dez. 2012

SANTOS, Lucíola Licínio. Entrevista com o professor António Nóvoa. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 224-237, jan./jun. 2013.

WIESE, Maria do Carmo da Silva. **Desafios e perspectivas:** as pesquisas na área de formação de professores para atuar com escolares em tratamento de saúde. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013.